

VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇA E ADOLESCENTE - RECONHECENDO OS DIFERENTES TIPOS DE MAUS TRATOS

HERMEL, Patrícia Paz¹; FIGUEIRA, Aline Belletti²; ZANCHETTIN, Suelen Dametto³; ÁVILA, Veridiana⁴; LEMÕES, Marcos Aurélio Matos⁵

¹Acadêmica do 8ª semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – FEn/UFPEL. E-mail: patricia_hermel@hotmail.com; ²Acadêmica do 8ª semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – FEn/UFPEL. E-mail: alinebelletti@gmail.com;

³Acadêmica do 8ª semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – FEn/UFPEL. E-mail: suelenzanchettin@hotmail.com; ⁴Acadêmica do 8ª semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – FEn/UFPEL. E-mail: vereavila@yahoo.com.br;

⁵MsC. Enf. Professor do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas - FEn/UFPEL. E-mail: enf.lemoes@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL

1 INTRODUÇÃO

A violência é um problema global de saúde pública. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), violência é definida como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa, contra um grupo e comunidade que possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. A Sociedade Brasileira de Pediatria define a violência como maus tratos, e compreende o contingente social de crianças e adolescente que, de forma cotidiana, tem seus direitos de ser humano e de cidadãos violados, seja omissão e/ou transgressão da família, da sociedade ou do estado.

Apesar dos problemas de registros, notificações e da omissão demonstrada pelo silêncio, as estatísticas começam a realçar a violência contra a criança e o adolescente como um fenômeno universal e endêmico sem distinção de raça, classe social, sexo ou religião.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho é um relato de experiência que resulta da participação de acadêmicos de enfermagem na Oficina intitulada “Violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente: conhecer, refletir e agir” em agosto de 2007, totalizando 12 horas de desenvolvimento, e possibilitou a realização de leituras referentes ao contexto abordado. Esta oficina foi promovida pelo Departamento de Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande-RS e pela Coordenadoria de Desenvolvimento do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Correa Jr. e teve por objetivo aprimorar a formação dos estudantes de graduação, através do desenvolvimento da pesquisa entre acadêmicos de diversos semestres.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O profissional enfermeiro deve realizar um minucioso exame físico que possibilite a identificação de lesões e traumas, além disso, desenvolver uma entrevista com os familiares e vítima separadamente e posteriormente em conjunto, a fim de observar comportamentos e atitudes que evidenciem uma situação suspeita de maus tratos.

Ao longo das atividades constatou-se que existem diferentes tipos de violência, descritos a seguir:

A violência física consiste no uso da força ou atos de omissão praticados pelos pais ou responsáveis, com o objetivo claro ou não de ferir, que poderá resultar em marcas evidentes. São comuns murros e tapas, agressões com diversos objetos e queimaduras causadas por objetos e líquidos quentes.

A violência psicológica está presente na rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito e punições exageradas. Não há marcas visíveis, mas quando ocorre marca por toda vida.

A negligência também é um ato de violência e constitui a omissão do responsável pela criança e adolescente em prover as necessidades básicas para seu desenvolvimento.

A síndrome do bebê sacudido refere-se a lesões de gravidade variáveis, que ocorrem quando uma criança, geralmente lactente, é severa e violentamente sacudida. Como conseqüências podem ocorrer cegueira, lesões oftalmológicas, atraso no desenvolvimento, convulsões, lesões da espinha, lesões cerebrais e morte.

Já a Síndrome de Münchausen é um conjunto de distúrbios em que as pessoas intencionalmente exageram, inventam ou causam os sintomas da doença levando a procedimentos desnecessários e potencialmente danosos.

A violência sexual é o abuso de poder no qual a criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de um adulto, sendo induzida e muitas vezes forçada a práticas sexuais com ou sem violência física.

Por último, um dos tipos de violência mais discutidos nos últimos tempos é o *Bullying*, quando o indivíduo usa o poder ou força para intimidar e perseguir os outros. As vítimas de intimidação e chantagem recorrente são normalmente pessoas sem defesas e incapazes de motivar outras para agirem em sua defesa. Trata-se, infelizmente, de um problema que afeta as nossas escolas, comunidades e toda a sociedade.

4 CONCLUSÃO

A oficina oportunizou ao grupo de acadêmicos o desenvolvimento em uma interação intersemestral a fim de consolidar as diferentes percepções dos estudantes no decorrer do curso de graduação em Enfermagem. A partir dessa experiência nossa percepção sobre os maus tratos com criança e adolescente passa a ser mais ampla, adquirimos conhecimento e aperfeiçoamos a sistematização da assistência nas situações de violência infantil.

O trabalho na área da violência contra a criança e o adolescente requer dos serviços de saúde intervenção interdisciplinar. A ação para diminuir a violência é mais eficaz quando promovida por um conjunto de instituições, atuando de modo coordenado. A notificação das ocorrências vai além dos limites do serviço da saúde e convoca parcerias, com ações imprescindíveis para superar esta situação. O profissional da saúde tem autonomia para hospitalizar a criança com suspeita de violência com a intenção de protegê-la dos agressores.

A notificação de casos de violência aos Conselhos Tutelares, é de extrema importância e interferência na dinâmica do atendimento às crianças e suas famílias.

Cabe aos profissionais da saúde reconhecer os casos de maus tratos como violência, e proporcionar uma abordagem nos serviços de saúde com

confiança, promover o resgate da família como cuidadora, e cuidar da alma e não apenas o corpo.

5 REFERÊNCIAS

GONCALVES, Hebe Signorini; FERREIRA, Ana Lúcia. A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais de saúde. **Cad. Saúde Pública** [online] vol.18, n.1, pp. 315-319. 2002.

BRITO, Ana Maria M. et al. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. **Ciênc. saúde coletiva** [online].vol.10, n.1, pp. 143-149,2005.

ROQUE, Eliana Mendes de Souza Teixeira e FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Desvendando a violência doméstica contra crianças e adolescentes sob a ótica dos operadores do direito na comarca de Jardinópolis-SP. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [online], vol.10, n.3, pp. 334-344, 2002.

COSTA, Maria Conceição Oliveira et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. vol.12, n.5, pp. 1129-1141,2007.